

mudar a



vida

publicação do graal

- um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo
- um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade
- um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos



ANO 2000

UM MUNDO DIFERENTE

O mundo, no ano 2000, será significativamente diferente do mundo de hoje. Haverá mais gente. Para cada duas pessoas existentes na Terra em 1975, haverá três, no ano 2000. O número de pobres terá aumentado. Quatro quintos da população mundial viverá em países menos desenvolvidos. Em termos de habitantes adicionados por ano ao mundo, o crescimento demográfico será, em 2000, 40 % superior ao de 1975.

A **distância** entre os mais ricos e os mais pobres terá aumentado, tanto a nível mundial como no interior dos países. Por exemplo: a distância entre o PNB per capita dos países menos desenvolvidos e o dos países industrializados deverá crescer cerca de 4000 dólares em 1975 para cerca de 7900 dólares em 2000.

Haverá menos **recursos** disponíveis. Enquanto numa média mundial, em 1975 havia cerca de quatro décimas de hectares de terra arável por pessoa, em 2000 haverá apenas cerca de um quarto de hectare por pessoa. Por volta de 2000, terá sido consumido quase um trilião de barris dos recursos totais de petróleo do mundo, aproximadamente 2 triliões de barris, e é de esperar que apenas no período 1975-2000 os recursos mundiais restantes de petróleo per capita declinem, pelo menos: 50 %. No mesmo período, as reservas de água per capita diminuirão 35 % só devido ao aumento demográfico. O aumento da procura competitiva colocará mais pressão sobre as reservas disponíveis de água. A disponibilidade mundial de madeira per capita deverá, no ano 2000, ser inferior em 47 % à de 1978.

O **meio ambiente** terá perdido importantes capacidades de sustentação da vida. Por volta de 2000, 40 % das florestas ainda restantes em 1978, nos países menos desenvolvidos, terão sido abatidas. A concentração atmosférica de bióxido de carbono estará quase um terço acima dos níveis pré-industriais. A erosão do solo terá removido, em média, várias polegadas de solo das

terras de plantio, no mundo inteiro. A «desertificação» (incluída a salinização) poderá ter reclamado uma significativa fracção das terras de pastagem e semeadura do mundo. Em pouco mais de duas décadas 15 a 20 % do total das espécies de plantas e vegetais do mundo estarão extintas — uma perda de, no mínimo, 500 mil espécies.

Os **preços** serão mais altos. Prevê-se que os preços de muitos dos recursos vitais se elevem em termos reais — isto é, acima da inflação. Para cobrir a procura prevista será necessário um aumento de 100 % nos preços reais dos alimentos. Para manter a procura de energia em linha com as reservas previstas, calcula-se que o preço real da energia se elevará mais de 150 % no período 1975-2000. As reservas de água, terras agrícolas, produtos florestais e de muitas das espécies tradicionais de peixes marinhos devem declinar face à crescente procura aos preços actuais, o que sugere que também nesse sector se dará uma elevação de preços reais. Colectivamente, as previsões sugerem que as pressões inflacionárias baseadas nos recursos continuarão e intensificar-se-ão, em particular nas nações pobres em recursos ou que os estão a esgotar rapidamente.

O mundo estará **vulnerável** tanto no que respeita a desastres naturais como às perturbações derivadas de causas humanas. É provável que a maioria das nações esteja ainda mais dependente de fontes de energia estrangeiras, em 2000, do que o está hoje. Um maior número de pessoas estará vulnerável à alta de preços dos alimentos ou até mesmo à fome sempre que ocorrerem condições meteorológicas adversas. O mundo estará mais vulnerável aos efeitos perturbadores da guerra. As tensões que podem levar à guerra ter-se-ão multiplicado.

Por fim, é preciso salientar que, se a gestão política pública permanecer, de um modo geral, a mesma, o mundo será diferente, como resultado de **oportunidades**

perdidas. A oportunidade de estabilizar a população mundial abaixo dos 10 000 milhões de habitantes, por exemplo, está a perder-se. Robert McNamara, presidente do Banco Mundial, observou que por cada década de atraso em se chegar à fertilidade de simples substituição, a população mundial crescerá em cerca de 11%. Perdas similares de oportunidade acompanham as percepções ou acções retardadas em outras zonas. Se as políticas e decisões energéticas se basearem nos preços do petróleo de ontem (ou mesmo de hoje), estará perdida a oportunidade de investir sensatamente os escassos recursos de capital ainda disponíveis. Se as pesquisas agrícolas continuarem a concentrar-se em colheitas crescentes através de práticas

altamente consumidoras de energia, tanto os recursos energéticos como o tempo necessário para o desenvolvimento de práticas alternativas estarão perdidos.

Está a escassear tempo para uma acção que evite este resultado. A menos que as nações, colectiva e isoladamente, tomem medidas arrojadas e imaginativas no sentido de uma melhoria das condições sociais e económicas, da redução da fertilidade, da melhor utilização dos recursos e da protecção do meio ambiente, o mundo deve esperar uma inquieta entrada no século XXI.

*In «Ano 2000 — Relatório Global»
Serviços de Imprensa e Cultura
Embaixada dos EUA, Abril 1981*

MANIFESTO ALTERNATIVO

É tempo de parar e reflectir. É tempo de desmontar mitos e de ajudar os homens a reencontrarem-se e a reconstruírem um futuro à sua medida. É tempo de parar a corrida para a morte ou para explosões sociais incontroláveis, desumanas e traumatizantes. As revoluções não se impõem na violência, mas brotam do interior de cada um e afirmam-se numa aspiração colectiva integradora e irresistível.

Portugal, nas suas raízes culturais e históricas, dispõe de condições privilegiadas para catalisar uma síntese e justificar uma esperança. Para isso, o primeiro e decisivo passo é aperceber-se da falência dos modelos económico-sociais que lhe vêm sendo propostos e se fundamentam no absurdo de admitir que a sociedade de consumo ainda é possível ou que a planificação centralizada não degenera em opressão institucional irreversível.

- *É necessário constatar a incapacidade das forças políticas organizadas conceberem uma relação diferente entre os homens e articularem um modelo alternativo de desenvolvimento que não conduza à morte ou à alienação definitiva.*
- *É necessário constatar a incapacidade de integrarem o conhecimento científico actual de um modo coerente e consistente com a melhoria de qualidade de vida que não cessem de prometer.*
- *É necessário constatar a incapacidade de*

gerarem novos hábitos de pensamento e novas formas de organização social.

- *É necessário constatar que o peso crescente dos aparelhos partidários, em detrimento da participação informada e responsável dos cidadãos, bloqueia a evolução e gera um retrocesso explosivo.*
- *É imperioso reafirmar o pluralismo autêntico e promover o aprofundamento das raízes culturais e civilizacionais do povo português numa perspectiva universalista.*
- *É imperioso oferecer aos jovens os pilares fundamentais de um futuro que eles possam construir à medida das suas aspirações.*
- *É imperioso transmitir aos jovens a esperança e impedir que eles paguem no desemprego e na droga a falência de concepções que o presente já condenou.*
- *É imperioso o sentido do tempo e do que, a cada instante, distingue a evolução da ruptura.*

É porque desejamos impedir a ruptura suicida, é porque acreditamos no instinto de sobrevivência da espécie humana, é porque temos a certeza de uma evolução no sentido que apontamos, que nos propomos contribuir para a descoberta das vias que impeçam a destruição inútil de milhões de seres humanos.

*Afonso Cautela e outros
Documento policopiado*

UM HOMEM DIFERENTE

Cada época nos propõe um modelo de homem diferente. Ao revolucionarmos a nossa tecnologia, a nossa base energética, as nossas estruturas familiares e a própria natureza do trabalho, estamos também a modificar as pessoas.

A revolução industrial, por exemplo, foi acompanhada de uma valorização ética do trabalho em pre-

juízo do prazer, o que canalizou enormes energias para as tarefas do desenvolvimento económico. Com ela deram-se também grandes mudanças nas relações entre as pessoas e a comunidade, nas atitudes para com a autoridade, nos conceitos de objectividade e subjectividade, na capacidade de pensar abstractamente, de imaginar, etc.

O que se passa hoje connosco é algo de semelhante. Face às poderosas mudanças trazidas pela passagem

da sociedade industrial à sociedade da informática encontramos-nos no limiar de uma nova era, cujos traços psico-culturais são ainda incipientes.

INFANCIA E ADOLESCÊNCIA

Para começar, a criança de amanhã crescerá numa sociedade muito menos concentrada sobre a criança do que a nossa. O envelhecimento da população de todos os países de alta tecnologia aponta para uma maior atenção dos poderes públicos às necessidades dos idosos e um menor investimento na infância e juventude. Além disso, à medida que as mulheres conquistam novos empregos e progridem em termos de carreira, o investimento tradicional das suas energias em tarefas ligadas à maternidade tende a reduzir-se. A sociedade viverá, assim, menos obcecada com as necessidades, as carências, o desenvolvimento psicológico e a satisfação imediata das crianças. Os pais serão menos permissivos. Não porque amem menos os filhos, mas porque o seu universo deixará de girar de forma tão exclusiva em torno das exigências que eles manifestam.

Durante a era industrial, milhões de pais viveram os seus próprios sonhos através dos filhos. A sua grande ambição era ver os filhos chegar onde eles não tinham chegado. Hoje, muitos pais de classe média enfrentam a dolorosa desilusão de verem os filhos descer, em vez de subir, na escala socio-económica. Compreende-se, pois, que deixem de delegar neles a sua própria realização.

Por outro lado, a adolescência tenderá a ser menos prolongada que o é actualmente nas sociedades industrializadas. Uma das transformações mais significativas das próximas décadas, será a transferência de um importante número de empregos da fábrica ou do escritório para o lar. A família poderá assim converter-se em unidade de produção de trabalho conjunto, como antes da revolução industrial. Se tal vier a acontecer, a criança será directamente integrada no trabalho familiar, recebendo uma crescente responsabilidade a partir de tenra idade, tal como hoje acontece em famílias que gerem pequenos negócios.

No período de transição para esta nova etapa, o mercado de trabalho continuará a excluir os jovens do trabalho fora de casa, aumentando cada vez mais os anos de ensino obrigatório ou semi-obrigatório e dilatando assim o cativo da adolescência prolongada. À medida, porém, que as necessidades da economia e da sociedade o exigirem, a educação sofrerá mudanças profundas. A aprendizagem far-se-á mais através da vida do que através das aulas. O número de anos de ensino obrigatório será encurtado e não prolongado. Em vez da rígida segregação etária actualmente existente, jovens e velhos misturar-se-ão aprendendo juntos. Quanto mais a educação se associar ao trabalho, mais ela se estenderá pela vida, num processo de aprendizagem permanente.

MODELOS DE TRABALHO

Durante as décadas da industrialização, o trabalho foi-se tornando cada vez mais repetitivo, mais especializado, mais subordinado à pressão do tempo. Os patrões exigiam trabalhadores obedientes, pontuais e desejosos de trabalhar mecanicamente e as escolas para se adaptarem a esse modelo, tiveram que produzir alunos dóceis e submissos.

À medida que a sociedade programada avança, novas tecnologias, novos estilos organizacionais, começam a transformar a natureza do trabalho. As tarefas tornam-se menos repetitivas e menos fragmentadas, cumprindo cada pessoa uma tarefa mais ampla. O número de trabalhadores a tempo parcial aumenta. Desaparece a sincronização maciça do comportamento. Há mudanças mais frequentes de tarefas, de relações hierárquicas, de sistemas de organização.

Simultaneamente, também ao nível dos padrões de autoridade se observam transformações significativas. Nas empresas e serviços tradicionais, cada empregado tinha um só chefe. Os conflitos eram levados ao chefe para serem resolvidos. Nas indústrias avançadas, o estilo é outro. Os trabalhadores têm mais do que um chefe. Pessoas de níveis diferentes e de diferentes especializações reúnem-se em equipas de trabalho temporárias, sem que um chefe último intervenha para arbitrar os conflitos. Pelo contrário, o pressuposto de que se parte é o de que o conflito pode ser saudável.

Um tal sistema pune os trabalhadores que mostram obediência cega e recompensa aqueles que, dentro de certos limites, se mostram capazes de levantar questões e de discutir as orientações que lhes são dadas. Os trabalhadores que procuram atribuir significado ao que fazem, que questionam a autoridade, que exigem que o seu trabalho seja socialmente responsável, poderão ser encarados como perturbadores pelas indústrias tradicionais; as indústrias de ponta não podem funcionar sem eles.

AUTO-PRODUÇÃO E AUTO-AJUDA

Na perspectiva industrialista, a economia é vista a partir de dois sectores distintos: o sector «oficial», no qual produzimos bens ou serviços para os outros; e o sector «particular», no qual produzimos bens ou serviços para nós mesmos. No primeiro, produtor e consumidor são pessoas diferentes; no segundo, produtor e consumidor são uma só pessoa. Cada um destes sectores tem sobre nós efeitos psicológicos diferentes e gera a sua própria ética, o seu próprio conjunto de valores, a sua própria definição de êxito.

A era industrial baseou-se sobretudo na produção para troca. Mesmo a família rural, em vez de cultivar o seu próprio alimento, produzia colheitas para venda e comprava os seus alimentos no supermercado. O incremento da troca e o declínio da produção para consumo próprio, tanto nas sociedades industriais capitalistas como nas socialistas, encorajaram uma ética

aquisitiva e deram origem a uma noção predominantemente económica de êxito pessoal.

Um dos fenómenos pouco explorados mas reais do nosso tempo é o enorme aumento das actividades de auto-produção e auto-ajuda. Só nos Estados Unidos da América o movimento de auto-ajuda tem cerca de 500 mil grupos e está a crescer a um ritmo vertiginoso. Em vez de se considerarem clientes dos serviços profissionais oferecidos pelo mercado, os adeptos desse movimento produzem conjuntamente os seus próprios serviços. São produtores do seu próprio consumo.

As razões deste surto de auto-ajuda e de «faça-você-mesmo» são complexas e variadas. Vão do alto custo dos serviços à falta de mão-de-obra disponível, do aparecimento de novas tecnologias e novos materiais à deterioração dos serviços anteriormente prestados pela Administração Pública. A indústria da construção civil, por exemplo, passou por uma enorme crise entre 1974 e 1976, data em que, pela primeira vez, se vendeu mais material de construção e mais ferramentas a auto-construtores do que a empreiteiros, carpinteiros ou electricistas.

Tudo indica que esta tendência virá a acentuar-se nas próximas décadas e que, à medida que absorver mais do nosso tempo e da nossa energia, passará também a modelar os nossos critérios individuais e colectivos. Em vez de classificar as pessoas pelo que elas possuem, como faz a ética do mercado, a ética da auto-ajuda atribui alto valor àquilo que cada um se mostra capaz de fazer. Ter dinheiro continuará ainda a ser um sinal de prestígio. Mas outras características ganharão cada vez mais importância: a confiança própria, a capacidade de adaptação e de sobrevivência em condições difíceis, a capacidade de «meter-a-mão-na-massa».

A própria noção de realização pessoal será revista. Enquanto grande número de trabalhadores, na economia de mercado, passa o tempo a lidar com abstrações — palavras, números, modelos —, a economia de auto-ajuda põe-nos em contacto com uma realidade mais imediata, mais directa, tanto ao nível das coisas como das pessoas. A excessiva concentração no trabalho «mental», provoca em muitos uma sensação de alienação: sentem-se dissociados das visões, dos sons, das texturas, das emoções reais do dia-a-dia. Com uma melhor repartição do trabalho, o equilíbrio entre as tarefas intelectuais e as tarefas manuais será restabelecido. Depois de ter sido, durante cerca de trezentos anos, votado ao desprezo, o trabalho manual ver-se-á reabilitado, contribuindo para a realização e satisfação pessoais.

Alvin Toffler
in *Dialogo*, n.º 2, vol. 14
Washington, 1981

Propriedade e administração: GRAAL — Rua Luciano Cordeiro, 24, 6.ª-A — 1100 Lisboa. Comp. e impressão: Silvas - Coop. de Trab. Gráficos, crl.

DA TECNOCRACIA A CONVIVIALIDADE

O mundo atravessa uma das maiores crises da sua história, cujo ponto culminante se aproxima a passos acelerados. A crise é global. Com efeito, ela caracteriza-se, simultaneamente, por clivagens biológicas, ecológicas, económicas, políticas, sociais e ideológicas e pela ubiquidade dos seus sinais alarmantes, à escala do planeta.

O essencial da crise global reside na ESCOLHA (contra-valor da palavra grega CRISE) entre a tecnocracia e a convivialidade. A nível colectivo, entre uma sociedade tecnocrática e uma sociedade convivial; a nível individual, entre um estilo de vida artificial e um estilo natural, entre necessidades supérfluas e necessidades essenciais. Em resumo: entre a energia material e a energia criativa, em harmonia com a evolução universal.

Na sociedade tecnocrática, a tecnologia domina o homem. Para manter e reforçar a sua soberania, ela conta com a ajuda de uma religião espiritualista e de uma ciência analítica, com a conseqüente divisão psíquica da energia humana e divisão física da energia dos povos. A característica essencial da tecnocracia é o consumo, ou melhor, o desperdício da energia física, mental e espiritual — desperdício reforçado pela luta permanente pela posse das fontes de energia.

O mesmo se passa com os regimes políticos. A tecnocracia impede uma democracia real, quer dizer: impede a gestão colectiva com a participação directa da população. Em seu lugar propõe ou uma democracia de representação partidocrática ou a ditadura. Ora um e outra regime anulam a liberdade mental. A tecnocracia funda-se sempre na exploração do homem e da natureza, qualquer que seja a ideologia que lhe sirva de cobertura.

Neste sentido, a crise global não pode ser resolvida duravelmente senão através de uma **gestão integral**, quer dizer: pela convergência de uma série de iniciativas coerentes, no tempo e no espaço. No tempo, através de uma visão de longo prazo, capaz de integrar o passado e o futuro. No espaço, através de um projecto planetário, cobrindo todas as regiões do mundo.

Nenhuma instituição oficial poderá só por si governar a sociedade. A criação de um conjunto coerente de estruturas de participação directa e permanente de todos os cidadãos na gestão colectiva, a todos os níveis e em todos os sectores, é condição fundamental para o estabelecimento de uma harmonia mínima ao nível da comunidade mundial.

in *Dossier «La révolution conviviale»*
Ed. do Núcleo Convivial Planetário
Lisboa, 1982

Publicação bimensal. Assinatura anual: 120\$00; estrangeiro 250\$00. Directora: Maria Teresa Santa Clara Gomes.